

O DANÇAR AO SAGRADO: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS POR MEIO DA DANÇA DE SÃO GONÇALO

FRANCISCA TAINARA EUGENIO DA SILVA¹; GEORGINA HELENA LIMA NUNES²

¹UFPEL – tainara.africahere@gmail.com

²UFPEL – geohelena@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A Educação Escolar Quilombola é fruto de uma série de discussões e luta do movimento quilombola, e asseverada em 1995, com a realização do I Encontro Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, ocorrido ao longo da Marcha Zumbi dos Palmares, como afirmam Silva *et al.* (2021), tendo a educação e a regularização fundiária como principais pautas. O movimento quilombola reivindicava uma educação voltada para as dimensões históricas, territoriais e ancestrais. Mais tarde, é constituída pela Resolução n. 8, de 20 de novembro de 2012 (BRASIL, 2012), que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNEEQ) na Educação Básica.

A luta das comunidades quilombolas para alcançar a política educacional que resultou nas Diretrizes da Educação Escolar Quilombola implica que se reconheça as pedagogias e saberes de cada comunidade, essa reivindicação tem avançado a passos lentos. No estado do Ceará, isso não é diferente, a luta pelo reconhecimento e acesso a uma política educacional diferenciada é uma das principais pautas do movimento quilombola estadual obstante o amparo das diretrizes.

Conforme nos aponta Santos (2018), as comunidades quilombolas são compostas por pedagogias de quilombo que não são trabalhadas cotidianamente no currículo escolar, devido a uma negação dos conhecimentos fundamentados nas práticas, experiências e significados dos territórios prescindíveis, portanto, no processo de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva nosso olhar direciona-se para a Comunidade Quilombola do Sítio Veiga, situada no distrito de Dom Maurício, na Serra do Estevão, no município de Quixadá, região Sertão Central do Ceará para analisar como a Dança de São Gonçalo poderia se configurar como uma prática pedagógica para a preservação da identidade quilombola.

Essa escrita emergir do Trabalho de Conclusão de curso da autora que abordava as contribuições do contexto histórico, social, econômico e cultural da comunidade para a educação escolar quilombola, como desdobramento, no mestrado iremos pensar esse contexto e seus processos educativos. A fundamentação teórica dialogará com os seguintes autores: SILVA (2021), SANTOS (2018), SILVA (2018), dentre outros.

Acredito e Espero que os resultados dessa pesquisa, possam emergir como instrumento reflexivo, inclusivo e dialógico para construção de uma prática pedagógica que parta do Quilombo Sítio Veiga, isto é, uma pedagogia que nasce no e para o quilombo como mecanismo que opera no fortalecimento de processos identitários, pertencimento territorial, autoconhecimento e reconhecimento como sujeito individual e coletivo.

2. METODOLOGIA

Para realização desta proposta de trabalho baseado no anteprojeto de mestrado, optou-se pela abordagem qualitativa, a partir de um estudo de caso na Comunidade Sítio Veiga, cujo caminho metodológico buscou referências nos estudos etnográficos. Segundo o antropólogo Geertz (2008), ocupa-se de uma descrição densa da cultura carregada por um sistema de significados, onde são produzidos nas ações, comportamentos, eventos e rotina de um grupo. Nessa direção, Conforme Gil (2010), o estudo de caso, possibilita um estudo profundo, amplo e detalhado, este envolve uma observação minuciosa dos contextos e suas especificidades, para isso, a coleta de dados será feita mediante observação participante e entrevistas informais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A dança de São Gonçalo é uma manifestação religiosa presente no Quilombo Sítio Veiga, desde 1906 com a chegada do casal fundado Maria Fernandes, conhecida como Mae Véia, primeira mestra da dança e seu esposo Chiquinho Ribeiro, conhecido por Pai Chigano. Nas palavras de Cristiane Sousa da Silva (2018), o ritual de caráter religioso faz uma homenagem ao Santo Português Gonçalo em uma festa tradicional realizada em Amarante em Portugal, com uma semana de festividades, procissões, banda de música e folguedos populares. Ainda segundo a autora o festejo não é de exclusividade do Sítio Veiga, pode ser encontrado em outras comunidades quilombolas com variações e adaptações na composição, formação e cântico.

Segundo o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território da Comunidade Remanescente de Quilombo Sítio Veiga (2012), a identidade étnico-racial de uma comunidade quilombola é processo contínuo, coletivo e dinâmico de interações, tal processo é determinado por fatores que agregam valores que os distinguem dos demais grupos sociais, suas crenças, hábitos, regras e condutas sociais que os identificam e atribui significado social diferente em relação aos demais grupos.

Importante destacar, do trecho acima, que o processo de construção e manutenção da identidade é fluido e interativo entre os pares e os de fora e que mesmo a dança tendo suas origens no ocidente, ao torna-se uma pratica quilombola, ela incorpora experiencias, valores e significados outros que reafirma a existência dos quilombolas do Veiga. Assim como nos afirma Ana Maria Eugenio da Silva (2021, p 107) sobre a dança ser de origem portuguesa ao chegar no Brasil congrega novos significados e mesmo com tal origem; ao chegar no Quilombo Sítio Veiga ela torna-se uma nova produção cultural com novos sentidos e significados. “[...] a dança de São Gonçalo no Quilombo passa a constituir a identidades dos Quilombolas e é constituída por esta, deixando de ser somente portuguesa, e agora compondo [...] as expressões afro-brasileira.”

No Quilombo Sítio Veiga a dança é um ritual de dozes jornadas, composta por dozes mulheres, chamadas de dançadeiras e dois, um o mestre Joaquim Roseno, tocando um tamborzinho que herdou de seu pai Roseno Ribeiro e de sua Avó, Mãe Véia e o outro o contramestre Osvaldo, sobrinho de Joaquim Roseno tocando um violão na representação de uma viola.

A dança de São Gonçalo é uma festa devocional feita para pagar promessas pela graça alcançada, seja de um bom inverno, da fartura de uma boa safra ou pela cura de alguma doença. Para Silva (2018), a festa começa dias antes, com a realização de um trabalho coletivo dos moradores para montar a barraca, onde a festa

é realizada, ao mesmo tempo que mulheres saem para pedir prendas¹ para o almoço compartilhado no dia da celebração.

A comunidade se organiza para finalizar as atividades da Semana da Consciência Negra com a dança, um dia antes do seu desenvolvimento, há um ensaio com todos do grupo no terreiro central do Quilombo, conforme Silva (2021), esse terreiro, local onde se inicia o cortejo até a Barraca, foi o terreiro onde Mãe Véia, construiu sua casa, local que remete a ancestralidade, memória e história.

É possível perceber que a educação acontece por diferentes modos, por meios do cantar à São Gonçalo que pode adentrar a sala de aula no processo de alfabetização e letramento. A própria organização para o ritual acontecer também chama atenção, esse espaço de todos: devotos, mulheres, homens, jovens e crianças, nesse dia que mobiliza para além dos quilombolas e das fronteiras do território, mais que acolhe o outro nesse espaço de construção de redes, afeto, cooperação, elo, aprendizagens e fortalecimento de uma luta coletiva.

A dança tem uma profunda relação com o território, quando as mulheres dançam descalças ao pisarem no chão, estão firmando a sua relação com os seus quintais agroecológicos, quando há o repasse das 12 sementes do contramestre para o mestre, uma forma de saber quantas jornadas já foram tiradas, tal repasse demonstra a importância da nossa agricultura familiar para o sustento do território. Nesse sentido, para Silva (2021, p. 125):

A dança é um ato pedagógico em si, porque se utiliza de diversos domínios do conhecimento para estabelecer sua relação interna. Seja a contação matemática, produzida pelas dançadeiras e a tempo e ritmo da melodia, seja pelo domínio do espaço geográfico, seja pela história cantada, seja pelo sentimento de cooperatividade produzido nos atos de partilha em todos os momentos está-se aprendendo e ensinando aos mais velhos e aos mais jovens. [...]

Conforme nos diz Santos (2018, p. 200), a pedagogia de quilombo nasce nas comunidades quilombolas e seus cotidianos como uma força propulsora que pode transformar o currículo, desde que haja a compreensão desse espaço como “acervo dinâmico do patrimônio material e imaterial da cultura negra no Brasil, em que o fator preponderante é a questão étnica”.

4. CONCLUSÕES

A lei 10.639/03 institui o ensino da história e cultura Afro-brasileira e Africana nas diversas instituições de ensino e as Diretrizes Curriculares para Educação Escolar Quilombola estabelece uma pedagogia própria quilombola, as duas legislações tratam de uma educação para as relações étnico-raciais possibilitando a construção de propostas pedagógicas e curriculares mais inclusivas, reflexivas e dialógicas para alimentar a identidade e o pertencimento dos sujeitos aos territórios por meio as práticas, experiências e significados.

A pedagogia de quilombo é uma pedagogia com base nos elementos que formam o patrimônio cultural da comunidade construído e produzido na dinâmica social da identidade quilombola e do território. Logo, a educação transpassa o espaço escolar, desenvolvendo-se no cotidiano das relações em diferentes espaços sociais.

¹ Geralmente, as dançadeiras saem nas comunidades vizinhas para pedir alimentos perecíveis e não perecíveis para o almoço comunitário compartilhado no dia da dança.

Como na própria dança ao divino São Gonçalo, onde acredito que os processos educativos surgem desse conjunto amplo que é a festa ao divino São Gonçalo, na qual, existe um saber repassado a cada passo, canto e etapas do ritual; do ensaio a dança quando as crianças estão ora brincando ao redor ora observando.

Espera-se que essa pesquisa possa contribuir para o fortalecimento identitários e para se pensar novas proposições pedagógicas dos muitos espaços de vivências e experiências humanas, de modo a considerar todas as diferenças na diversidade, os princípios e trajetórias que os sujeitos carregam a partir de seus territórios.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Resolução n. 8, de 20 de novembro de 2012.** Define diretrizes curriculares nacionais para educação escolar quilombola na educação básica. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação, 2012.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Tradução de: The interpretation of cultures, 1. Ed – Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 5ª edição. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2010.

Relatório Antropológico de Reconhecimento e Delimitação do Território da Comunidade Remanescente de Quilombo Sítio Veiga. Relatório Técnico de Identificação e Delimitação - RTID. Fortaleza, 2012.

SANTOS, A. P. **Educação escolar quilombola no Cariri Cearense: africanização da escola a partir de Pedagogias de Quilombo.** 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

SILVA, A. M. E. **As quilombolas do Sítio Veiga e a dança de São Gonçalo em Quixadá – CE.** 2021. 159f. Dissertação (Mestrado em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2021.

SILVA, G. M. *et al.* (org.). **Educação quilombola: territorialidades, saberes e as lutas por direitos.** Editora Jandaíra, 2021.

SILVA, C. S. **Do quilombo Sítio Veiga a universidade: uma experiência extensionista antirracista no Sertão central cearense.** 2018. 196f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará.